

Literatura negra-brasileira e o devir negro

Literatura negra-brasileña y el devenir negro

Black Brazilian Literature and Black Becoming

Alessandra Barbosa Adão¹ 

Universidad Estatal de Santa Cruz (UESC/BA)



Para citaciones: Barbosa Adão, Alesandra. "Literatura negra-brasileira e o devir negro". *PerspectivasAfro* 4/2 (2025): 329-345.
<https://doi.org/10.32997/pa-2025-5122>

Recibido: 15 de septiembre de 2024

Aprobado: 17 de diciembre de 2024

Editora: Silvia Valero. Universidad de Cartagena-Colombia.

Copyright: © 2025. Barbosa Adão, Alesandra. Este es un artículo de acceso abierto, distribuido bajo los términos de la licencia <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/> la cual permite el uso sin restricciones, distribución y reproducción en cualquier medio, siempre y cuando que el original, el autor y la fuente sean acreditados.



RESUMO

O presente artigo tem por objetivo apresentar as características da Literatura negra-brasileira² (LN), bem como anunciar a postura política, assunções e devir por trás dessa vertente literária brasileira. A partir de teóricos como Luiz Silva (Cuti), Ana Rita Santiago, Zila Bernd, Achille Mbembe e outros autores, ainda, traçamos um panorama da Literatura negra-brasileira. Além disso, apresenta como esse devir também se incide na literatura voltada para o público juvenil brasileiro, a partir da Literatura negra-brasileira do encantamento infantil e juvenil proposto por Kiusam de Oliveira. Por fim, ao conhecermos escritores e escritoras negras que se propõem a escrever desse ponto de imanência, reconhecemos o caráter político, impulsionando a reviravolta e o devir negro, através da poesia, linguagem e de outras artes.

Palavras-chave: literatura brasileira; literatura negra-brasileira; devir negro; literatura juvenil; escritores negros.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo presentar las características de la Literatura negra brasileña (LN), así como anunciar la postura política, los supuestos y el desarrollo detrás de esta vertiente literaria brasileña. A partir de teóricos como Luiz Silva (Cuti), Ana Rita Santiago, Zila Bernd, Achille Mbembe y otros autores, bosquejamos también un panorama de la literatura negra brasileña. Además, el texto presenta cómo este devenir afecta también a la literatura dirigida al público juvenil brasileño, a partir de la Literatura negra-Brasileña de encanto infantil y juvenil propuesta por Kiusam de Oliveira. Finalmente, cuando conocemos escritores que se proponen a escribir desde este punto de inmanencia, reconocemos el carácter político, que impulsa el cambio y el devenir negro, a través de la poesía, el lenguaje y otras artes.

Palabras clave: literatura brasileña; literatura negra-brasileña; devenir negro; literature juvenil; escritores negros.

¹ Estudiante de Doctorado en Literatura: Lenguas y Representaciones, de la Universidad Estatal de Santa Cruz (PPGL/UESC). Profesora de Lengua Portuguesa. alessandraadao.es@gmail.com

² Se justifica a alteração do termo "negro-brasileira" para "negra-brasileira", pois é uma mulher negra quem escreve esse artigo e, também, por focalizar a maioria dessa produção na autoria feminina e negra.

ABSTRACT

This article aims to present the characteristics of black-Brazilian Literature (LN) and to announce the political posture, assumptions, and future behind this Brazilian literary trend. Based on theorists such as Luiz Silva (Cuti), Ana Rita Santiago, Zila Bernd, Achille Mbembe, and other authors, we also draw an overview of Black Brazilian Literature. Furthermore, it presents how this becoming also affects literature aimed at Brazilian youth audiences, based on the Black-Brazilian Literature of Children and Youth Enchantment proposed by Kiusam de Oliveira. Finally, when we meet writers who propose to write from this point of immanence, we recognize the political character, which drives black change and development, through poetry, language, and other arts.

Keywords: Brazilian literature; Black Brazilian literature; Black becoming; Young people's literature; Black writers.

Introdução

Neste artigo pretendemos evidenciar como homens e mulheres negras têm feito para registrar suas subjetividades na prosa e na poesia, partindo de si e voltando-se para o coletivo numa (re) constituição de outras e múltiplas vozes, principalmente através da Literatura negra-brasileira, -doravante LNB-, no Brasil. De tal modo, nos apoiamos nas pesquisas de Luiz Silva (Cuti), Ana Rita Santiago, Conceição Evaristo, Zila Bernd, dentre outras/os, no intuito de apresentar o que entendemos por LNB, discutindo criticamente sob as assunções, postura e devir político por trás desta.

Para iniciarmos, Cuti no título do Capítulo 3 de seu livro *Literatura Negro-Brasileira* problematiza “Negro ou Afro não tanto faz” (Silva 31). Percebemos aí as tensões, muitas vezes polêmicas, por trás do termo “negro”, que para essa vertente literária se apresenta com teor político e parte da tentativa de ressignificá-lo, quando da feitura de quem se compromete com esta. Nesse sentido, de forma isolada ou não, escritores/as como Luis Gama (1830-1882), Maria Firmina dos Reis (1822-1917), Cruz e Sousa (1861-1898), Auta de Souza (1876-1901), Machado de Assis (1839-1908) e, mais recentemente, Lima Barreto (1881-1922), Carolina Maria de Jesus (1914-1977), Solano Trindade (1908-1974), Abdias do Nascimento (1914-2011), Joel Rufino dos Santos (1941-2015), Conceição Evaristo (1946-), Geni Guimarães (1947-), Luiz Silva (1951-), Esmeralda Ribeiro (1958-), Júlio Braz (1959-) e tantos outros e outras vão forjar e fomentar as bases da Literatura Negra no Brasil.

Além desses escritores, vale mencionar a influência de movimentos literários com forte cunho político e de ativistas, intelectuais e acadêmicos, dentro e fora do Brasil. A exemplo de movimentos, temos o reflexo do *Renascimento Negro* norte-americano, e suas diversas vertentes – *Black Renaissance*, o *New Negro* e o *Harlem Renaissance* – do início do século XX, liderado por Countee Cullen, Claude McKay e W.E.B. Du Bois; e o movimento *Negritude*, iniciado em Paris, nos anos de 1930, orquestrado por Leopold Sedar Senghor, Aimé Césaire e Leon Gotras Damas. Ambas as propulsões tinham como premissas estreitar laços com a África, fortalecer a consciência do ser negro, instigar tendências literárias, romper com a literatura da época e, conseqüentemente, denunciar as opressões acometidas à população negra.

Cabe dizer ainda que o posicionamento de Patrice Lumumba, Black Panther, Luther King, Malcom X, Angela Davis e as notícias que chegavam a respeito das guerras de independência no continente Africano, já nas décadas de 1960/1970, vão ressoar e impactar a política, a educação e o movimento literário organizado por negros e negras no Brasil. Já por dentro do país merecem destaque a relevância e formação de grupos e ações que vão estremecer e alavancar esse engajamento entre as/os negras/os que aqui vivem, como: Frente Negra Brasileira (1937), o Teatro Experimental do Negro (1944), a Associação de Negros Brasileiros (1945) e o Teatro

Popular Brasileiro (1950); e, a partir da década de 1970, especificamente 1978, o Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial (MNUCDR), a iniciativa de grupos e coletivos espalhados no Brasil, como exemplo, o Palmares (1971), em Porto Alegre, os Cadernos Negros (CNs) (1978), em São Paulo, o Negrícia – Poesia e Arte de Crioulo (1982), no Rio de Janeiro, o GENS – Grupo de Escritores Negros (1985) de Salvador etc.

O caráter individual esgarçado acaba inundando a coletividade engajando muitos no proposto da LNB, inclusive multiplicando-se antologias, coletâneas e eventos que se apropriam da terminologia “negra/o”, e não apenas isso, reconhecem a necessidade de notabilizar a escrita dessa população. Dentre alguns, citamos: *Axé: Antologia contemporânea da poesia negra brasileira* (1982), organizada pelo poeta Paulo Colina; *A razão da chama – Antologia de poetas negros brasileiros* (1987), organizada por Oswaldo de Camargo; *Poesia negra brasileira* (1992), organizada por Zilá Bernd; *O negro em versos* (2005), organizada por Luiz Carlos dos Santos, Maria Galas e Ulisses Tavares; e os próprios Cadernos Negros (1978), mencionados anteriormente.

Somando-se a esse intento ainda temos o 1º Encontro Nacional de Poetas e Ficcionistas Negros Brasileiros, em São Paulo, em 1985, ocasião em que Esmeralda Ribeiro e Roseli Nascimento levaram apontamentos da escritura feminina e negra; e o 2º Encontro, em Petrópolis, em 1986, em que, apesar das controvérsias, tais questões entraram na pauta oficial do encontro. Inclusive, neste evento houve a tentativa, por parte de um escritor, de que apenas uma mulher falasse, sendo uma forma clara de restringir as manifestações das diversas mulheres presentes. Está claro quão significativa é a literatura para homens e mulheres negras, já que esta será e é “considerada uma contra-narrativa da nação porque abala a ideologia do nacionalismo e tem um olhar crítico sobre o Estado e a identidade nacional; e, ainda, por reescrever a seu modo a História” (Arruda 13).

Panorama da Literatura negra-brasileira: características, assunções e devir

Dessas movimentações e impulsos surge uma das principais articulações, antes individual, mas que agora junta-se na intenção de reunir e encorajar a escrita, a fala e a verbalização das agruras dessa população. O que se busca é a pluralidade e, ainda, dar vazão as vozes silenciadas, na tentativa de romper o todo envolto no ilusório da história única (machismo/racismo/sexismo). Estamos falando dos *Cadernos Negros*. Essa iniciativa organizada por Luiz Silva (Cuti), Hugo Ferreira e Jamu Minka, na década de 1970, em meio à ditadura, é “seguramente o mais longo e produtivo coletivo de escritores brasileiros” (Duarte 151). A partir de 1982, os *Cadernos* passam a ser geridos pelo grupo Quilombhoje, alternando as publicações em contos e poesias, chegando à edição de número 42 e 43, respectivamente em 2020 e 2021.

A respeito da importância dos *Cadernos*, Conceição Evaristo em entrevista para Bárbara Machado ressalta a relevância desta iniciativa para sua experiência como escritora e para a literatura: “eu digo que ele é um ritual de passagem para muitos de nós. [...] O dia que os críticos de literatura brasileira estiverem mais atentos pra escrever a história da literatura brasileira, [...] vão incorporar a história do grupo [...]” (Machado 76). Ainda que para a literatura hegemônica os *Cadernos* não sejam vistos como um movimento relevante, muitos estudiosos comprometidos, como a própria Evaristo e também Cuti, Zila Bernd e Kiusam de Oliveira, compreendem nestes a possibilidade efetiva de retrospectiva e reescrita do passado para o campo da literatura brasileira, e em particular da literatura negra-brasileira (LNB). A partir de um impulso do passado no presente,

os *Cadernos Negros* vão forjar novas e outras bases de discussão e criação literária que trazem para o centro escritores e escritoras negras, invertendo os lugares antes estereotipados e de exclusão.

Nesse sentido, Cuti alerta que os que se propõe a escrever desse ponto de emanção discursiva se comprometem à “gigantesca tarefa da reconstrução de um ‘eu’ coletivo que teve a sua humanidade estilhaçada pela escravização e pelo racismo. Por isso, dizer-se negro e posicionar-se como tal no âmbito do texto é importante no contexto da literatura brasileira” (70). Esse autor ainda menciona que o empenho da literatura negra-brasileira visa buscar recursos formais próprios e a mudança no padrão estético-ideológico.

Mais do que isso, essa vertente questiona o laço com a literatura africana, visto que ao tentarem pará-la não se enfrenta o que ocorre na sociedade brasileira, em termos sociais, raciais, políticos. Além, é claro, de evidenciar um olhar raso e racista ao não se perceber as singularidades entre às duas bases literárias. Cabe reforçar que a LNB “nasce na e da população negra que se formou fora da África, e de sua experiência no Brasil. A singularidade é negra e, ao mesmo tempo, brasileira [...]” (Silva 44).

Além disso, como Cuti nos instigou nas linhas iniciais deste capítulo, temos ciência do que está por trás dos termos “negro” e “afro-brasileiro”. De saída, do negro que escreve até ao que é descrito houve, e ainda há, um esforço para reverter o que dizem os dicionários, e não apenas neste espaço, sobre o “negro”, que dentre as significações, consta “Fig. Triste, melancólico, funesto [...]. Ant. Escravo” (Larousse 552). Significado este que habita o imaginário social e a neurose brasileira.

O passo empreendido pela LNB visa ressignificar não apenas tal termo, mas destituir seu caráter negativo, gerando conhecimento do que é ser negro na sociedade brasileira, da identidade e do pertencimento étnico-racial. Para além disso, confronta a identidade nacional e o mito da democracia racial, que perpassam o âmbito simbólico e discursivo. Essa postura é evidenciada no prefácio dos *Cadernos Negros 1*, publicado em 25 de novembro de 1978, a seguir na íntegra:

A África está se libertando! Já dizia Bélsiva, um dos nossos velhos poetas. E nós brasileiros de origem africana, como estamos?

Estamos no limiar de um novo tempo. Tempo de África vida nova, mais justa e mais livre e, inspirados por ela, renascemos arrancando as máscaras brancas, pondo fim a imitação. Descobrimos a lavagem cerebral que nos poluía e estamos assumindo nossa negrura bela e forte. Estamos limpando nosso espírito das ideias que nos enfraquecem e que só querem nos dominar e explorar.

Cadernos Negros marca passos decisivos para nossa valorização e resulta de nossa vigilância contra as ideias que nos confundem, nos enfraquecem e nos sufocam. As diferenças de estilo, concepções de literatura, forma, nada disso pode mais ser muito erguido entre aqueles que encontram na poesia um meio de expressão negra. Aqui se trata de legítima defesa dos valores do povo negro. A poesia como verdade, testemunha do nosso tempo.

Neste 1978, 90 anos pós-abolição - esse conto do vigário que nos pregaram -, brotaram em nossa comunidade novas iniciativas de conscientização, e *Cadernos Negros* surge como mais um sinal desse tempo de África-consciência e ação para uma vida melhor, e nesse sentido, fazemos da negritude, aqui posta em poesia, parte da luta contra a exploração social em todos os níveis, na qual somos atingidos. *Cadernos Negros* é a viva imagem da África em nosso continente, é a diáspora negra dizendo que sobreviveu e sobreviverá, superando as cicatrizes que assolaram sua dramática trajetória, trazendo em suas mãos o livro.

Essa coletânea reúne oito poetas, e a maioria deles da geração que durante os anos 60 descobriu suas raízes negríssimas. O trabalho para a consciência negra vem de muitos antes. Por isso, *Cadernos Negros*

1 reúne também irmãos que estão na luta há muito tempo. Hoje nos juntamos como companheiros nesse trabalho de levar adiante as sementes da consciência para a verdadeira democracia racial. (*Cadernos Negros* 2-3)

Esse prefácio, com teor de manifesto, foi escrito por Henrique Cunha, Angela Lopes Galvão, Eduardo de Oliveira, Célia Pereira, Hugo Ferreira, Jamu Minka, Luiz Silva (Cuti) e Oswaldo de Camargo. O que nos salta aos olhos é o compromisso de/para um devir negro, cravado, não apenas nesse prefácio, mas para quem se propõe a rasurar a literatura brasileira. Nesse sentido, enxergamos na literatura negra-brasileira o afinco por romper o imaginário sobre quem produz e sobre o que se produz desse ponto de imanência, evidenciando que não é mais possível negar essa escritura e a existência de seus autores e autoras.

Quando falamos em devir, e principalmente do negro, colocamos em diálogo Deleuze e Achille Mbembe, que mais recentemente esgarça essa premissa. Desse modo, para o primeiro autor “Devir é nunca imitar, nem fazer como, nem se conformar a um modelo, seja de justiça ou de verdade. Não há um termo do qual se parta, nem um ao qual se chegue ou ao qual se deva chegar.” (Deleuze y Zourabichvili 24). Pondera-se aí que devir é a fuga do padrão, mas, é bom salientar que Deleuze inicia essa discussão a partir da literatura, feita por homens brancos, heterossexuais, cristãos, tidos como universal e hegemônico.

Assim, ao olhar para a LNB percebemos que “[...] a ideia de “devir” está ligada à possibilidade ou não de um processo se singularizar. Singularidades femininas, poéticas, homossexuais ou negras podem entrar em ruptura com as estratificações dominantes [...]” (Guattari y Rolnik 86). E, essa ruptura decorre de um movimento processual, para se criar e gestar algo novo, de trânsito, do porvir algo, principalmente, para fugir do padrão. Constituindo vários e singulares devires.

De tal modo, quando pensamos em devir negro, nos apoiamos no que Achille Mbembe discute no livro *Crítica da Razão Negra* (2014). De acordo com o autor, a palavra “negro” advém do capitalismo, que impregnam nesta a exclusão, embrutecimento e degradação, para não dissociar o invólucro da categoria de escravo. Desse modo, reduz o corpo desse indivíduo, conectando-se à raça, a um tom de pele, cabelo, objeto, mercadoria, coisificando o todo nessa representação, tida como algo físico, genético ou antropológico, que acaba se estendendo ao continente africano.

Mas é aí que Mbembe nos faz refletir sobre o devir negro, numa tentativa de reverter o espectro negativo universal que o capitalismo introjetou sobre o termo negro, o indivíduo e a própria identidade negra, que foi algo imposto. Nesse sentido, o autor pondera:

Humilhado e profundamente desonrado, o Negro é, na ordem da modernidade, o único de todos os humanos cuja carne foi transformada em coisa, e o espírito, em mercadoria – a cripta viva do capital. Mas – e esta é a sua manifesta dualidade -, numa reviravolta espectacular, tornou-se o símbolo de um desejo consciente de vida, força pujante, flutuante e plástica, plenamente engajada no acto de criação e até de viver em vários tempos e várias histórias ao mesmo tempo. (19)

Ora, se ao mesmo tempo o negro e tudo o que ele carrega é tido como ruim, pejorativo e objeto, o que será o desejo consciente de vida, senão o próprio devir? O que será a reviravolta espetacular, senão as formas que os negros têm encontrado para resistir e (re) existir engajados em atos de criação? E aqui saliento que o confronto empreendido é por romper não apenas o que o hegemônico dita como “literatura brasileira” e/ou LNB, mas também como e quem pode fazê-la.

Assim, Mbembe afirma “há uma singularidade em devir que se alimenta simultaneamente de diferenças entre os Negros, tanto do ponto de vista étnico, geográfico, como linguístico, e de tradições herdeiras do encontro com Todo o Mundo.” (167). Voltando para a LNB, quando os autores e autoras enxergam no campo literário o quebrar das máscaras, com vista a limpar o “nosso espírito das ideias que nos enfraquecem e que só querem nos dominar e explorar”, conforme aponta o prefácio dos *Cuadernos Negros*, pondo fim a imitação, evidencia-se aí o abrir para outras singularidades e subjetividades negras, logo, em vários devires negros.

Não é à toa, que quando Mbembe discorre sobre a dualidade do negro e do desejo consciente de vida, na citação supracitada, busca Aimé Césaire, Glissant e Patrick Chamoiseau para desdobrar a questão, como mostra em nota de rodapé. Ou seja, sinaliza que é a hora e o momento de se imaginar um outro mundo, que combata o capitalismo e as reminiscências do colonialismo. Mais do que isso, nos parece que ele reconhece na poesia e nas formas poéticas essa pulsão da vida, de reviravolta, através da linguagem e das artes.

Cabe mencionar que Césaire é um dos que impulsionou o movimento de Negritude³ e Glissant, como citado em capítulo anterior, instiga a imaginar possibilidades através das artes, e principalmente da apropriação da linguagem, expandindo o que ele chama de criouliização. E, entendemos que a negritude, enquanto conceito, torna possível a materialização dos devires negros na Literatura Negra, já que é por via desta que os/as autores/as reivindicam, retratam a vida e criam formas singulares de poética-narrativa.

A partir disso, a reconciliação, a reforma e a realização desses devires negros, proposta por Mbembe decorre de um choque e de um processo inevitável no globo, muitas vezes silenciosa e rasteira. Nesse ponto, lembramos do embate que Lélia Gonzalez menciona a respeito da cultura nacional brasileira, quando ressalta a importância das africanas na diáspora e afro-brasileiras neste confronto no Brasil. Assim, tudo que se refere a cultura nacional brasileira tem a/o negra/o no início, no meio ou no fim, conforme Lélia indica:

[...] as africanas [...] com sua força moral, tudo fizeram para sustentar seus companheiros e tratar da sobrevivência dos filhos, educando-os nas mais precárias condições de existência. Com isso, mantiveram viva a chama dos valores culturais afro-brasileiros, que transmitiam a seus descendentes. E nisso também influenciaram mulheres e homens brancos, a quem aleitaram e educaram. Graças a elas, apesar de todo o racismo vigente, os brasileiros falam pretuguês [português africanizado] e só conseguem afirmar como nacional justamente aquilo que o negro produziu em termo de cultura: o samba, a feijoada, a descontração, a ginga ou jogo de cintura, etc. [...]. (111)

Somando-se a isso, Lélia traz para o centro da discussão as formas de resistências e valores ancestrais, do que foi dito de boca para ouvido, da cabeça para o pé, do ouvir e repassar, da reversão do que vem a ser nacional, quando olhamos para o Brasil. É isso! Da mesma forma que o colonialismo, o racismo e o capitalismo se retroalimentam, o devir negro também (recriando formas outras de agir/viver/experienciar), e vai operando pelas brechas e fissuras escancaradas, cada vez mais por esses sujeitos, no ir e vir do tempo-história e através de diversos saberes.

³ Dialogamos e concordamos com as duas categorias que Zila Bernd delimita a respeito do conceito de negritude: “(1) em um sentido lato, negritude – com n minúsculo (substantivo comum) – é utilizada para referir a tomada de consciência de uma situação de dominação e de discriminação, e a conseqüente reação pela busca de uma identidade negra [...]; (2) em um sentido restrito, Negritude – com n maiúsculo (substantivo próprio) – refere-se a um momento pontual na trajetória da construção de uma identidade negra, dando-se a conhecer ao mundo como um movimento que pretendia reverter o sentido da palavra negro, dando-lhe um sentido positivo” (Bernd, *O que é Negritude* 20).

Mas ter essa consciência, do que a linguagem pode fazer, é um trabalho árduo, como bem explicitado no prefácio dos CNs e também apontado por Frantz Fanon no Capítulo “O Negro e a Linguagem” em *Pele Negra, Máscaras Brancas* (2008). O autor menciona a necessidade de “tomar posição diante da linguagem” (34), para não ser absorvido pela cultura da metrópole e nem se afastar, cada vez mais, dos patuás, da sua selva e do seu falar crioulo.

Essa desalienação requer olhos e ouvidos atentos, o arrancar das máscaras brancas e de flandres, para que não acabemos por condenar a arte e expressão negras, e de outros termos que viriam a se tornar tabus linguísticos. Nesse processo pela liberdade, se exige a “[...] retomada de si e de despojamento, é pela tensão permanente de sua liberdade que os homens [e mulheres] podem criar as condições de existência ideais em um mundo humano” (Fanon 191). Para essa efetivação, como explicitado na última prece de Fanon “Ô meu corpo, faça sempre de mim um homem [e mulher] que questiona!” (191), e me incluo nesta prece, devemos nos questionar para não cairmos nas armadilhas do que está por trás do dito inferior e superior, dos mitos e da miscigenação.

A partir dessas inquietações e devir que se edifica na LNB, do expurgar a voz embargada e engasgada na garganta, do friccionar as instituições hegemônicas. Nesse sentido, muitos dos nossos saberes/literatura/história não adentram tais espaços, com a desculpa de que apenas negros podem falar sobre e/ou de que não há material. Mas, Audre Lorde nos chama para (re)pensar essa visão rasa, racista e equivocada:

Que não nos escondamos por detrás das farsas de separação que nos foram impostas e que frequentemente aceitamos como se fossem invenção nossa. Por exemplo: “Provavelmente eu não posso ensinar literatura feita por mulheres negras - a experiência delas é diferente demais da minha”. E, no entanto, quantos anos vocês passaram ensinando Platão, Shakespeare e Proust? (53)

A questão apontada por Lorde nos faz pensar em algumas tensões, como a negação em falar de temas negros na sala de aula e na literatura a insistência de escritores brancos em apresentar seu ponto de vista racista e limitado sob/sobre negros e negras, ainda que isso venha diminuindo na atualidade. Nesse sentido, chamo a atenção para a verossimilhança, que é outro fator importante da literatura negra-brasileira, visto que “os sentimentos mais profundos vividos pelos indivíduos negros são o aporte para a verossimilhança da literatura negro-brasileira” (Silva 88). Por conta disso, Cuti vai dizer que a subjetividade do negro é pessoal, mas como vivemos numa sociedade multirracial muitos sentimentos e situações são partilhadas com outras pessoas, neste caso o autor traz o exemplo da discriminação racial, que em diferentes graus negros e brancos partilham.

Desse modo, quando os escritores brancos não proporcionam ao leitor a possibilidade de reflexão e de quebra de paradigmas, perdem a “oportunidade por se negar estar não na pele, mas no coração de um negro e, a partir daí, realizar seu texto. É que os preconceitos também têm sua profundidade e participam da moldagem da personalidade e até do estilo” (Silva 88). Isso acaba por evidenciar histórias com personagens negros destituídas de humanidade e ilustrações caricatas, já que tais escritores/as acabam por se negar “a abandonar sua brancura no ato da criação literária, por motivos de convicções ideológicas racistas, mas também porque, assim, acabam não tendo acesso à subjetividade negra” (88).

Literatura negra-brasileira: escritores e escritoras

Assim, a literatura negra-brasileira visa romper essa invisibilidade e produção de silêncio, para expor nossas engenhosidades e escritas pujantes, para não nos escondermos mais e por barrarmos qualquer simbologia ligada à inferioridade. Nesse sentido, a LN vai reescrevendo a história e preenchendo lacunas deixadas pelo tempo, quando: reaviva os escritos de Luís Gama, reaparece a obra de Maria Firmina dos Reis⁴, se discute a relevância de Machado de Assis para a causa abolicionista, e de outros gestos que instigam negros e negras a escrever, ou melhor, a escreverem.

Além disso, as/os autoras/es da literatura negra-brasileira assumem uma identidade negra e um compromisso cultural, que ainda se quer “[...] ideológico e só tem sentido enquanto marca posição política e racial tomada conscientemente” (Lobo 212). Essa postura tem sido cada vez mais evidente na prosa e na poesia, principalmente, quando circunscrevem um eu enunciador negro, invertendo a lógica do ser tema e objeto, para contar a sua própria história e reclamar para si o lugar de sujeito. Não é apenas a cor da pele que vai determinar essa enunciação ideológica na LNB, como aponta Márcio Barbosa a “existência da literatura negra é posterior à existência de uma consciência negra” (51).

Constata-se isso nos escritos de Luís Gama, no poema Bodarrada, em Lima Barreto, no romance *Clara dos Anjos* e nos relatos em *Recordações de Isaías Caminha*, em que tamanha consciência toma esses autores, fazendo-os questionar as vicissitudes do ser negro no Brasil, cada qual em sua época, e a própria identidade. Outro que também segue esse posicionamento é Lino Guedes, que traz textos irônicos, contestadores e alinhados a causa negra, como no poema “Novo Rumo” do livro *Negro preto cor da noite* (1936), a seguir:

Nunca te esqueças do açoite
que cruciou tua raça.
Em nome dela somente
faze com que nossa gente
um dia gente se faça!
Negro preto, negro preto
sê tu um homem direito
como um cordel posto a prumo!
É só do teu proceder
que por certo há de nascer
a estrela do novo rumo. (17-18)

Outro texto que contesta e rompe com signos consolidados na sociedade, ainda mais quando se refere a mulher negra, e que ao mesmo evidencia a identidade negra, algo tão caro para essa literatura, está no poema “Amor Libertador”, de Cristiane Sobral,

Meu anjo negro protetor.
Aqui fala sua pretinha.
Quero que todos ouçam. Eu morri!
Quando eu encontrei você

⁴ “De maneira um tanto peculiar, os escritos de Maria Firmina vêm à tona outra vez. O romance *Úrsula*, em sua versão original, foi “descoberto”, em 1962, em um sebo na cidade do Rio de Janeiro, pelo historiador e bibliófilo paraibano Horácio de Almeida” (Muzart y Zin 27).

Meu espelho estava distorcido. Lembra?
Minhas madeixas eram alisadas e a minha alma branca. [...]
Tua coragem agora também é minha.
Eu, tua sacerdotisa negra. Livre! (70)

Essas produções nos ajudam a compreender que a LNB, além de demarcar a poética negro-brasileira, traz o discurso de um lugar diferenciado, ressaltando subjetividades outras que não apenas a individual, mas também coletiva. Ao assumirem a causa negra e uma escrita a partir de si, marcado pela primeira pessoa, corroboram para “um de seus marcadores estilísticos mais expressivos” (Bernd, *Introdução à literatura negra* 22). Fortalecendo uma relação de cumplicidade e solidariedade da voz única, pluralizando-se.

A utilização da primeira pessoa corrobora para o propósito da LNB, no sentido de alterar no campo discursivo e textual o recorrente uso da terceira pessoa do discurso daquele “de quem se fala”, do objeto, de algo que está em segundo plano na trama. Rearticulando, rompendo interdições e tornando-se “sujeito da enunciação, ou seja, aquele que fala em primeira pessoa do singular ou do plural (quando o poeta se coloca como porta-voz da comunidade à qual pertence)” (Bernd, *Da voz à letra: itinerários da literatura afro-brasileira* 33).

Essa assunção de um “eu” enunciador negro/a deixa transparecer o ponto de vista de uma subjetividade masculina ou feminina que durante muito tempo não era perceptível ou ocorria de forma espontânea. Não à toa, Conceição Evaristo quando vai falar de seu processo de escrita demarca “quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvencilho de um ‘corpo-mulher-negra em vivência’ e que por ser esse ‘o meu corpo, e não outro’, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta” (Evaristo 18).

Dessa maneira, começam a pulular *Escrevivências*, reescritas de si e autobiografias marcadamente com uma voz feminina e negra, visto que quando se tangencia essa perspectiva os embates são outros, que envolve o questionar de noções cristalizadas de literatura, das relações de poder, de gênero, das relações étnico-raciais no país e, ainda, da legitimidade dessa voz autoral. Isso pode ser observado no relato de Carolina Maria de Jesus, na *Antologia Pessoal* (1996), quando os editores brancos sempre a questionavam: “Eu disse: o meu sonho é escrever! Responde o branco: ela é louca. O que as negras devem fazer... É ir pro tanque lavar roupa” (Jesus 43).

Como sabemos no percurso literário de Carolina esses embates eram corriqueiros, antes e após a publicação do *Quarto de Despejo – Diário de uma favelada*, seu livro mais famoso. De tal modo, compreendemos que essa postura tem sido determinante nessa escrita, em que as mulheres acabam pressionando “as práticas de apagamento de assinatura e da palavra literária de escritoras negras” (Santiago 20). Nesse sentido, o empenho é para afirmação de uma voz autoral, de ser escritora, independente das situações que experienciam, do ser mulher, negra, pobre etc., sendo muitas vezes, como na citação de Carolina, subjugadas e apagadas. Partem daí uma reconfiguração dessa voz feminina e negra na LNB, apresentando,

[...] narrativas e textos poéticos com marcas de jogos de resistência, de experiências, afetos e desafetos, sonhos, angústias e histórias de mulheres. A literatura de autoria feminina se mostra como possibilidade de, pela linguagem, tensionar a hegemonia e supremacia masculina, visto que, por meio dela, podem-se desenhar existências e práticas sociais diferenciadas de um eu feminino, com atributos e papéis distintos do masculino, mas não inferior e desigual. (Santiago 150)

Ao tomarem posse da palavra, revelam-se temas que expandem os femininos e feminismos, as tradições e culturas negro-brasileiras e/ou africanas, do passado e presente numa ação de *dessilenciar* as vozes autorais, assenhorando-se de si. Dessa maneira, há uma tentativa de modificar a ideia sobre as mulheres negras ligadas à sexualização e objetificação, fazendo a “desconstrução desse locus de confinamento onde ficamos excluídas da noção estética nacional, para chegarem à construção, ou, pelo menos, ao apontar de outro lugar de brasilidade onde o **Brasilafro** feminino possa existir em plenitude” (Alves 71).

Assim, a resistência e a transgressão estão postas na escrita feminina e negra, e não é de hoje, já que essa voz contesta e questiona o discurso impregnado sobre seus corpos e mentes, o lugar do não pertencimento estético e étnico-racial na sociedade brasileira, a alienação em torno do mito da democracia racial e da miscigenação. Outro ponto marcante dessa escrita na Literatura Negra tem a memória como enlace, que não apenas reaviva lembranças recentes, mas também de um tempo anterior cravado em todo um povo, de africanos na diáspora e de afro-brasileiros. Fazem parte disso, a relação com outros saberes ligados à oralidade (ritmo, vocabulário), à ancestralidade e religiosidade como heranças africanas, os fazeres e vozes de mulheres que vieram antes. Desnecessário dizer o caráter rebelde da LNB quando almeja romper o silêncio, em que cada autor/a valida com mais ressonância ou não.

O pensar e evidenciar a escrita dessa população é transgredir a perspectiva de um imaginário enraizado sob/sobre esses corpos. Há, nesse sentido, um esforço para retratar suas Escrivências, tanto na posição de personagens quanto no reconhecimento de ser escritora/or, ao preencher a lacuna e/ou criar novas fissuras na literatura brasileira. Ademais, busca-se reverter o que as pesquisas vêm mostrando a respeito da representação e presença do negro, como no intento realizado por Regina Delcastagnè.

No estudo intitulado “A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004”, Delcastagnè constata que dentre três principais editoras do país, no período de 1965 a 1979 – no contato com 80 escritores/as e 130 narrativas –, e de 1990 a 2004 – com 165 escritores/as e 258 romances –, 72,7% são homens e 93,9% são brancos. Imersa na pesquisa, a autora pondera: “embora o romance contemporâneo venha perseguindo reiteradamente, em seu interior, a multiplicidade de pontos de vista, do lado de fora da obra não há o contraponto; quer dizer, não há, no campo literário brasileiro, uma pluralidade de perspectivas sociais” (Delcastagnè 312). São esses e outros impulsos que vão solidificar a literatura negra-brasileira, tendo como princípios a resistência, o devir e o confronto para a reescrita da vida de negros e negras no Brasil.

A literatura negra e o público juvenil

Há algum tempo venho me dedicando a refletir sobre a literatura negra e/ou afro-brasileira para o público infantil e juvenil. Em minhas leituras, identifiquei que outros autores também se dedicavam a compreender e problematizar tais questões, como Regina Delcastagnè, mencionada anteriormente, que identifica a não pluralidade de vozes por dentro e por fora dos romances brasileiros. Além dessa, localizei estudos empreendidos, ao longo das décadas de 1980/1990 e no século XXI, por Fúlvia Rosemberg e colaboradoras, Regina Pinto, Esmeralda Negrão, Edith Piza, Eliane Debus, Chirley Bazilli, Paulo Vinicius Baptista da Silva, Maria Anória de Jesus Oliveira, Ana Célia da Silva; Andréa Lisboa de Sousa, Heloisa Pires Lima, Débora Cristina de Araújo, Daniela Galdino Nascimento, dentre outras, que constataam a presença escassa ou negativa de negros e negras nessas histórias, tendo a literatura e os livros didáticos como base de análise.

O que salta aos olhos, após ter contato com essas pesquisas, são as relações desiguais tratadas na literatura infantil e juvenil, visto que este público está em formação e em idade escolar. Além desses discursos refletirem uma relação de dominação, através de textos e ilustrações, “que deveria, pedagogicamente falando, educar, passa a ser um rico meio ‘deseducativo’. A preocupação com a pluralidade individual e cultural como meio de enfrentamento da homogeneização, [...] parece custar em aparecer” (Rosemberg y Almeida 8).

Outro ponto de destaque, que consta nas pesquisas de Fúlvia Rosemberg, Heloisa Pires Lima, Nilma Lino Gomes e outros autores, tem relação com a visão adultocêntrica, diga-se de passagem realizada por homens brancos, que se envolve desde a escrita, passando pela ilustração até os editores. Por trás desse ponto de imanência, uma questão nos preocupa que é o “preconceito veiculado pela literatura se justifica na medida em que tais obras são produzidas para educar a criança branca” (Negrão 86). Isso indica o espaço privilegiado que é a literatura e a linguagem, preterindo negros e negras, que ao servir de “produção e reprodução simbólica de sentido, torna-se um lócus propício para a enunciação ou para o apagamento das identidades” (Evaristo 7).

Ciente desse cenário, e somando-se as minhas motivações e de uma fala recente de Nilma Lino Gomes⁵ em que ela se questionava: “se eu fosse mãe, o que eu gostaria que meu filho ou filha lesse?”. E ainda me interrogo: qual proposta de literatura negra juvenil me proporia a fazer? Mesmo que eu parta de uma visão adulta, tento nas páginas seguintes responder a tais provocações. Para isso, me apoio nos autores da Literatura Negra, mencionados no decorrer deste capítulo, e também nos estudos de Kiusam de Oliveira, Ione Jovino dentre outras/os, pois minha escrita é comprometida com crianças, adolescentes, jovens e adultos negros e negras, e com a superação do racismo e a humanização desses sujeitos.

Nesse sentido, nossa proposta dialoga com o que preconiza a Lei 10.639/2003, que altera a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB), e que versa sobre a obrigatoriedade nos currículos da Rede de Ensino do país os conteúdos de História e Cultura Afro-brasileira. Tal texto foi posteriormente ampliado, em decorrência da aprovação da Lei 11.645/2008 que aborda a questão indígena. Mas nosso foco recaí sobre a 11.639 que foi aprovada em 09 de janeiro de 2003, que além de tornar obrigatório tal conteúdo, indica que este deve ser aplicado nas disciplinas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira na Educação Básica e institui o dia 20 de novembro como “Dia Nacional da Consciência Negra” (Brasil 1). Por meio do Parecer de 2004 e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana o Ministério da Educação (MEC) orienta sobre a aplicação, princípios e fundamentos dessa Lei no Ensino Básico.

A respeito das Diretrizes quero chamar atenção para dois pontos que nos ajudam a refletir sobre o tipo de literatura que estamos pensando para o público juvenil. O primeiro menciona a responsabilidade das instituições e dos seus respectivos professores no desenvolvimento dos conteúdos, competências e valores da Educação das Relações Étnico-Raciais e a aplicação de História e Cultura Afro-Brasileira com o “apoio e supervisão dos sistemas de ensino, entidades mantenedoras e coordenações pedagógicas, atendidas as indicações” (Ministério da Educação 31). A partir do agenciamento desses atores é que será possível criar condições materiais e financeiras, e ainda organizar um aparato bibliográfico e didático sobre a temática, de modo a abastecer escolas, professores e alunos.

⁵ A fala de Nilma Lino Gomes foi realizada na live intitulada “A Escrita Literária: Autoras negras na Literatura Infantil” foi realizada no dia 17 de junho de 2021, no canal do youtube Educa Serra. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dQAokzhici0>>. Acesso em: 17 jun. 2021

O segundo ponto, tem relação com o anterior, toca na garantia do direito de acesso a um espaço salutar e de conteúdos de valorização e resgate para o aluno afrodescendente, como recomenda o inciso § 2º do Artigo 2º que versa sobre o objetivo do Ensino dessa temática, tal como “[...] o reconhecimento e valorização da identidade, história e cultura dos afro-brasileiros, bem como a garantia de reconhecimento e igualdade de valorização das raízes africanas da nação brasileira, ao lado das indígenas[...]” (Ministério da Educação 31). Esses argumentos reforçam a necessidade de se efetivar a reparação das injustiças sociais e raciais que negros e indígenas passaram ao longo da história, e não apenas na esfera educacional.

Cabe dizer que mesmo que a Lei 10.639/2003 regimento o ensino de determinado conteúdo para o âmbito escolar, precisamos atentar que a formação cidadã ocorre não apenas neste espaço, visto que essa legislação apregoa a inserção da cultura negra no seio da sociedade brasileira. Logo, na economia, na política e em outros segmentos e onde quer que seja, a luta por igualdade de direitos e resgate, fortalecimento e valorização da população negra pode ser empreendida. Sabemos que essa legislação legitima uma reivindicação antiga do Movimento Negro e de outros atores sociais, decorrida de batalhas, eventos, manifestações e organizações articuladas no país para sua efetivação. Mas também compreendemos que ela não dá conta da complexidade por trás da importância da inserção da história do negro na formação do Brasil, como nos alude Kabenguele Munanga,

que não existem leis no mundo que sejam capazes de erradicar as atitudes preconceituosas existentes nas cabeças das pessoas, atitudes essas provenientes dos sistemas culturais de todas as sociedades humanas. No entanto, cremos que a educação é capaz de oferecer tanto aos jovens como aos adultos a possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos que foram introjetados neles pela cultura racista na qual foram socializados. (17)

Concordamos com Munanga, pois vemos na educação a força motriz para romper estereótipos, formatar novos discursos e sedimentar bases antirracistas para negros e não-negros. Diante disso, e entendendo que os livros infantis e juvenis foram utilizados, por um longo tempo, como ferramenta pedagógica no espaço escolar para manter e propagar padrões, noções e regras de um viés eurocêntrico, na atualidade é preciso criar e imaginar outras premissas que abarquem a diversidade étnico-racial e cultural do país. De fato, não é mais tolerável como o foi nas décadas de 1920/1930 do século XX a retratação dos personagens negros que por não saberem ler e nem escrever “apenas repetiam o que ouviam, ou seja, não possuíam o conhecimento erudito e eram representados de um modo estereotipado e depreciativo” (Jovino 187).

E isso vem mudando, principalmente a partir da década de 1970. Por conta da ação dos movimentos sociais, o negro é visto com mais frequência na literatura infantil e juvenil, em que se tenta retratar a realidade brasileira, os aspectos sociais e as questões do preconceito. Temas que antes não faziam parte das narrativas de crianças e jovens, por serem consideradas tabus. Nesse período, o campo da leitura e da literatura para crianças no país recebe muitas atenções e incentivos, um deles ocorreu por conta da criação da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) que fomentou a publicação e circulação de livros.

Um número expressivo de livros começou a circular, de autores já consagrados, como Mario Quintana, Clarice Lispector, Vinicius de Moraes e outros que passam a se dedicar a esse público. Mas também surgem novos títulos e autores: Carlos de Marigny, Domingos Pellegrini, Eva Furnari, Sylvia Orthof, Raquel de Queiroz, Eliane Ganen, Elias José, Joel Rufino dos Santos, João Carlos Marinho, Walmir Ayala, Ana Maria Machado, Bartolomeu

Campos Queirós, Ruth Rocha, Lygia Bojunga e Marina Colassanti. Já nos anos 1980, a personagem negra aparece afirmando e ressaltando aspectos culturais afro-brasileiros, e há um esforço para romper o discurso inferior, como menciona Ione Jovino,

É possível encontrar obras mostrando personagens negras na sua resistência ao enfrentar os preconceitos, resgatando sua identidade racial, desempenhando papéis e funções sociais diferentes, valorizando as mitologias e as religiões de matriz africana, rompendo, assim, com o modelo de desqualificação presente nas narrativas dos períodos anteriores. (189)

Ainda fazem parte desse momento de ruptura e ressignificação textos mais diversificados, como lendas, contos e adaptações da tradição oral africana, sendo mais comum encontrar a personagem negra em papéis de destaque e menos estereotipados. E também a valorização de traços da estética negra, principalmente vinculado aos cabelos, pois tem sido um dos principais símbolos de afirmação da identidade dessa população. Desse período, vale mencionar alguns dos nomes que se propõem a essa escrita: Júlio Braz, Geni Guimarães, Heloísa Pires Lima, Rogério Andrade Barbosa etc. Dos anos 2000 para cá, outros escritores se lançam na literatura infantil e juvenil, como: Miriam Alves, Kiusam de Oliveira, Cidinha da Silva, e tantas/os outras/os que podem ser consultados na vasta lista do Portal Literafro (<http://www.letras.ufmg.br/literafro/>).

O que muitos desses autores têm em comum é a busca pela reversão dos signos, textualmente e nas ilustrações, que inferiorizam negros e negras, através de uma literatura comprometida. Para além disso, se esforçam para não resumir a vida dessa população à escravidão, como sinaliza Miriam Alves, em entrevista a *Revista Callalo* em 1995:

Não preciso estar falando de chibata, escravidão, para escrever literatura negra. A arte é liberdade, libertação. A minha arte é engajada comigo. Eu sou o quê? Eu sou negra, mulher, mãe solteira, empresária, filha, funcionária, militante. [...] Se eu não consigo falar num conto, eu vou falar num poema. Se eu não consigo no poema, eu escrevo uma novela. Se eu não consigo numa novela, eu tento um romance. Se eu não conseguir em nada disso, quem sabe uma história em quadrinhos resolva? São os meus instrumentos. A literatura é o meu instrumento. Se eu conseguir me comunicar enchendo o papel de vírgula, e o leitor entender que eu estou falando do lugar onde o Brasil se instala, da miserabilidade em que a população negra se encontra, se eu conseguir falar com vírgulas, eu vou encher o papel de vírgula. (Alves 971)

Dialogando e concordando com Miriam Alves, enxergamos na literatura a possibilidade de imaginar, de sonhar e de experimentar novas e outras sensações e sentimentos que no processo literário os afro-brasileiros têm sido apartados. Se a literatura é um direito humano, logo “nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza” (Candido 186), me proponho, junto de outras/os autoras/es engajadas/os nessa causa, a pelejar na restituição da humanidade da população negra, articulada numa escrita antirracista. Nesse sentido, trago algumas características da Literatura negra-brasileira do encantamento infantil e juvenil (LINEBEIJU), que tem sido desenvolvida por Kiusam de Oliveira, e que acho relevante para pensar que tipo de literatura juvenil pretendo fazer.

Antes de ter contato com a LINEBEIJU, conheci o trabalho de Kiusam a partir da análise do livro *Omo-Oba Histórias de Princesas* (2009) para o Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Letras, em 2019. Por

conta do escopo do trabalho, analisei três contos de tal obra: “Oiá e o búfalo interior”, “Iemanjá e o poder da criação do mundo” e “Ajê Xalungá e o seu brilho intenso”. Nessa ocasião, concluí que além das narrativas destacarem às personagens, a autora tinha como propósito “ressaltar/realçar aspectos que não sejam apenas físicos, fenotípicos, beleza; direcionar uma linguagem positiva e não depreciativa para as personagens; e, por fim, darem poderes inimagináveis às personagens, visto que são meninas” (Adão 48). Ainda observei neste livro que as princesas retratadas foram associadas “à força, determinação, empoderamento, e que não dependem de ato heroico”(49), o que corrobora para o empoderamento de meninas e meninos negros.

Percebemos que essas tem sido algumas das características da LINEBEIJU, e que, além disso, tem uma postura antirracista na tentativa de desvincular o estereotipo sob os corpos e o imaginário desses sujeitos. Ademais, Kiusam acrescenta que o texto dessa Literatura possibilita um olhar esperançoso para as crianças e jovens, e que ainda se trata de,

[...] uma categoria literária focada nos públicos infantil e juvenil, que traz em seu bojo um posicionamento político que se opõe, explicitamente, à hegemonia da episteme e/ou da epistemologia eurocentrada, ao colonialismo e à colonialidade. [...] possui conteúdo antirracista e decolonial, estruturado e conscientemente elaborado para fortalecer as identidades de crianças e jovens negros [...] essencialmente feminina, não por ser escrita somente por mulheres, mas por focar essencialmente nas relações entre raça e gênero, compreendendo o ser mulher em sociedades machistas. (Oliveira 18-19)

Nesse sentido, a LINEBEIJU enfoca em inserir os valores e saberes negros, mas também “instrumentalizar e fortalecer as crianças negras em termos de repertórios e forças para que combatam o racismo e se empoderem desde pequenas” (Oliveira 11). O labor dessa vertente, ainda tem como dimensão, o acompanhamento de perto do trabalho dos ilustradores das editoras, para que se evite, ainda na atualidade, caricaturas estereotipadas das personagens negras.

Kiusam nos chama a atenção que essa Literatura não se materializa apenas na construção narrativa e literária, mas também em ações e atitudes antirracistas, que abarcam desde a formação de profissionais da educação até os tomadores de decisão no ambiente escolar. Para a constituição dessa Literatura, a autora a compõe a partir de cinco premissas: Ancestralidade, Afrocentricidade, Encantamento, Mulher Negra e a Pedagogia Eco-Ancestral. Sendo que uma premissa se liga a outra, pois a proposta não está atrelada à ideia universal de conceito e conhecimento, como se fossem colocadas em caixas separadas.

Isso fica evidente quando observamos que a ancestralidade para o povo negro, e principalmente para as mulheres negras, é de suma importância para fortalecer os laços, criar e recriar as conexões com as crianças, adultos e mais velhos, subvertendo uma ordem de ódio, desprezo e/ou crueldade com o que vem e é do povo negro. Além disso, a veia ancestral pode ser retomada por diversos meios, saberes e plataformas, como a dança, as histórias de vida, performances, itans, letras de músicas, literaturas, e tantos outros. E, que ao se utilizar de tambores, atabaques, pandeiros, berimbau, agogôs e outros instrumentos, estes se coagulam no corpo e no som, que de acordo com Kiusam aglutinam à ancestralidade e a Pedagogia Eco-Ancestral, dentro de uma outra cosmopercepção que temos, “[...] no corpo-templo um território sagrado, consciente de que precisa ser reestruturado como um corpo-templo-resistência que seja capaz de combater o racismo institucional e a necropolítica cotidianos, em uma perspectiva sócio-cosmo-política”. (17)

Esses princípios integram a afrocentricidade, que se liga às outras premissas dessa Literatura, quando viabiliza o contato com signos e símbolos africanos e afro-brasileiros, transbordando-se em elementos artísticos, literários, estéticos e em formas de poética e linguagem, através da oralidade e da escrita, em diferentes graus. Para além, versa sobre uma ruptura na narrativa, ou melhor, uma contra narrativa e discurso do/sob o corpo negro e da experiência da mulher negra, da infância à vida adulta. Um outro ponto que gostaríamos de chamar a atenção é o encantamento, ou como Kiusam menciona em artigos e entrevistas o “reencantamento”, ao tentar ajudar a criança a se reencontrar, trazendo o (re) encanto para o seu corpo. Partindo de suas vivências, inclusive da incidência e perversidade do racismo, Oliveira indica o que seria esse voltar-se para o encanto,

Eu, por exemplo, era uma criança amada dentro da minha casa e na minha família, todos me achavam linda, diziam que eu tinha olhos lindos, nariz lindo, boca linda. Mas cheguei na escola e conheci uma negação para meu ser e minha existência, e passei a não gostar mais de mim, a querer ser diferente para poder ser tratada com maior respeito. Então, neste caso, é um reencantamento. Para aquelas crianças que cresceram em lares onde pais e mães também viveram de forma visceral o racismo desse país, sem ter alguém para orientá-las de que “isso que fizeram com você é racismo, não aceite”, aí o primeiro momento é o encantamento de se entender como negra. Nós vivemos um tempo em que a literatura tem favorecido e proporcionado momentos dignos para que as crianças negras se reconheçam e se valorizem como tal. E isso é incrível. (Oliveira 1)

Esse posicionamento e engajamento vai de encontro com o desvelar dos mitos e das máscaras, como dissemos mais para cima, no prefácio dos *Cadernos Negros*, na edificação da LNB e no devir negro que entendemos como determinantes para quem se propõe a escrever dentro dessa perspectiva. A propósito é o que nos instiga na produção dessa dissertação e do produto, já que nossa escrita e olhar volta-se para crianças e jovens negros e negras, para resistirem e existirem diante das perversidades cotidianas.

Considerações finais

Desse modo, a resistência e a transgressão estão postas na escrita de homens e mulheres negras, e não é de hoje, já que essa voz contesta e questiona o discurso impregnado sobre seus corpos e mentes. Mais do que isso, esses autores têm tensionado e reivindicado um pertencimento estético e étnico-racial, através da literatura. Diante disso, confrontam a alienação em torno do mito da democracia racial e da miscigenação na sociedade brasileira.

Cabe mencionar também o caráter rebelde da literatura negra-brasileira quando almeja romper o silêncio, em que cada autor/a valida com mais ressonância ou não sua negritude e suas temáticas. Por fim, fica evidente o empenho e esforço de autores/as na escrita literária, proposta na Literatura negra-brasileira, de um devir pulsante na prosa e poesia, e, também, nos livros infantis e juvenis.

Bibliografía

Adão, Alessandra Barbosa. “A Literatura Infanto-juvenil a Serviço da Educação Antirracista: Um estudo sobre a Obra Omo-Oba Histórias de Princesas, de Kiusam de Oliveira”. Tesis. Instituto Federal do Espírito Santo, 2019.

Almeida, A. M., Patrícia Matos e Joacé Souza Mendes. “O Negro na Literatura Infantil: Estereótipos e Silenciamentos”. *Seminário Cultura e Política na Primeira República: Campanha Civilista na Bahia*. Ilhéus: UESC, 2010:1-11.

- Alves, Miriam. *BrasilAfro Autorrevelado: Literatura Brasileira Contemporânea*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
- Arruda, Aline Alves. "O bildunsroman feminino e negro de Conceição Evaristo". Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.
- Barbosa, Marcio. "Questões sobre literatura negra". *Reflexões sobre a literatura afro-brasileira*. VV.AA. São Paulo: Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra, 1985:50-55.
- Bernd, Zilá. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- _____. *O que é Negritude*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- _____. "Da voz à letra: itinerários da literatura afro-brasileira". *Revista Via Atlântica* 18 (2010): 29-41.
- Brasil. "Lei Nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003". Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação. Brasília e inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro- Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, jan. 2003.
- Candido, Antonio. "O direito à literatura". *Candido, A. Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1988:169-191.
- Cadernos Negros. "Prefácio". *Poesia. Org. Quilombhoje*. São Paulo: Ed. dos Autores, 1978. 2-3.
- Dalcastagnè, Regina. "A personagem negra na literatura brasileira contemporânea". *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica Vol. 4*. Eduardo de Assis Duarte, Maria Nazareth Fonseca, orgs. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. 309-337.
- Dicionário Larousse da Língua Portuguesa Mini* 1.ed. Diego Rodrigues e Fernando Nuno, coords. São Paulo: Larousse do Brasil, 2005
- Duarte, Eduardo de Assis. "O negro na literatura brasileira". *Navegações* 6/2 (2013): 146-153.
- Evaristo, Conceição. "Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade". *Scripta* 13/25 (2009): 17-31.
- _____. "Da representação à auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira". *Revista Palmares* (2007): 52-57.
- _____. "Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira". *Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil*. Edimilson de Almeida Pereira, org. Belo Horizonte: Mazza, 2010:132-142.
- Fanon, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- Fonseca, Maria Nazareth Soares. "Literatura negra: sentidos e ramificações". *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica Vol. 4*, Eduardo de Assis Duarte (Org.). Belo Horizonte: UFMG, 2011. 245-278.
- Gonzalez, Lélia. *Primavera para as Rosas Negras*. Coletânea organizada e editada pela UCPA - União dos Coletivos Pan-Africanistas. São Paulo: Diáspora Africana, 2018.
- Guattari, Felix. y Rolnik, Suely. *Micropolítica: Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- Guedes, Lino. *Negro Preto Cor da Noite*. São Paulo: Cruzeiro do Sul, 1936.
- Jesus, Carolina Maria de e José Carlos Sebe Bom Meihy (Org.). *Antologia pessoal*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

- Jovino, Ione da Silva. "Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil". *Literatura Afro-Brasileira. Centro de Estudos Afro-Orientais*. Florentina Souza e Maria Nazaré Lima, orgs Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006:181-217.
- Lima, Omar da Silva. "O Comprometimento Etnográfico Afro-descendente das Escritoras Negras – Conceição Evaristo & Geni Guimarães". Tese Universidade de Brasília, 2009.
- Lorde, Audre. *Irmã outsider*. Tradução Stefanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- Machado, Bárbara Araújo. "'Recordar é preciso': Conceição Evaristo e a intelectualidade negra no contexto do movimento negro brasileiro contemporâneo (1982 – 2008)". Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal Fluminense, 2014.
- Ministério da educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília, 2004.
- Mbembe, Achille. *Crítica da Razão Negra*. Tradução de Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014.
- Negrão, Esmeralda. V. "A discriminação racial em livros didáticos e infanto-juvenis". *Cadernos de Pesquisa* 63 (1987): 86-87.
- Oliveira, Kiusam de. *Omo-Oba: histórias de princesas*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.
- ____. "Literatura negro-brasileira do encantamento infantil e juvenil: reencantando corpos negros". *Perspectivas na educação em narrativas, memórias e educação popular: psicopedagogia, racismo e cultura*. Maria Eliene Magalhães da Silva, org. Fortaleza: Impreco, 2020:13-23.
- ____. *Pedagogia da Ancestralidade*. São Paulo: SESC, 2019.
- ____. "A literatura tem permitido que crianças negras se valorizem como tal". *Galileu*. març. 2020. <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2020/03/literatura-tem-permitido-que-criancas-negras-se-valorizem-como-tal.html>
- Original (Entrevista: A literatura tem permitido que crianças negras se valorizem como tal. Site CRB8.org. 27 març.2020. Entrevista para Marília Marasciulo.)
- Proença, Filho Domício. "A trajetória do negro na literatura brasileira". *Estudos avançados* 18/50, 2004:161-193.
- Santiago, Ana Rita. *Vozes Literárias de Escritoras Negras*. Cruz das Almas, BA: EDUFRB, 2012.
- Silva, Luiz (Cutí). *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- Sobral, Cristiane. *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz*. Brasília: Edição do autor, 2014.
- Zin, Rafael Balseiro. "Maria Firmina dos Reis: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista". Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Universidade Católica de São Paulo, 2016.
- Zourabichvili, François. *O Vocabulário de Deleuze*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.